

História da Filosofia

39 As Mônadas

de Leibinz Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Muito bem, está tudo pronto então? Hoje, queremos nos concentrar nas mônadas de Leibniz. Na última aula, apresentamos Leibniz brevemente, destacando que ele percebia conflitos emergentes entre a ciência mecanicista, que moldava a filosofia do século XVII, e a religião cristã, tanto em termos de sua direção materialista em pessoas como Hobbes, quanto em termos de seu determinismo em pessoas como Hobbes e Spinoza. E ele não gostava da interpretação panteísta naturalista de Spinoza sobre a ciência mecanicista.

Assim, ele tenta lidar com esse tipo de conflito entre ciência e religião elaborando uma compreensão metafísica alternativa que não ignora a ciência da época, mas, digamos, a coloca em um papel limitado, mais em uma direção fenomênica, no nível das aparências, em vez de nos informar sobre a realidade subjacente. Ora, a realidade subjacente, então, é que tudo o que existe consiste, em última análise, em mônadas, que são unidades indivisíveis de força ou energia. Indestrutíveis, sim, porque, por não serem compostas, não podem ser desintegradas e destruídas por nenhum meio natural.

Isso não quer dizer que sejam eternos, que sempre foram e sempre serão, visto que sua existência lhes é dada por Deus. Ora, observamos na última vez que essas mônadas, essas unidades de força, são análogas entre si de tal forma que compõem essa espécie de hierarquia do ser. Onde a mônada suprema possui apercepção e apetito perfeitas.

E as mônadas em níveis inferiores da hierarquia possuem graus menores de apercepção e apetito. O termo apercepção é obviamente uma adaptação do nosso termo percepção, pois ele admite que alguns animais, e portanto as mônadas, podem ter percepção sensorial. E mesmo coisas que não possuem consciência, no nível básico da mônada, parecem conhecer seu lugar dentro do panorama geral.

Esta é a ordem inteligível manifestada nas coisas que têm seu lugar e função. Quando se trata de seres humanos com mônadas espirituais, eles não possuem apenas consciência sensorial, mas também autoconsciência. Reflexivos, refletindo sobre sua própria consciência.

E, portanto, a capacidade de inter-relacionar suas próprias ideias, de raciocinar ativamente. Raciocinar. E a isso poderíamos dar o nome de apercepção, onde há autoconsciência.

Mas Deus tem apercepção perfeita. Consciência de tudo. Autoconhecimento perfeito.

Existem, portanto, graus de apercepção, apetite, desejo, sim, energia direcionada, no sentido de que há uma função natural sendo exercida, atualizada em grau. É aqui que a causalidade final se torna evidente, na própria natureza de todas as mônadas, com impulso natural, apetite, desejo, inclinação e disposição. Esses termos eram associados à causalidade final nos escolásticos.

Assim, temos essas unidades de força indestrutíveis, variando em graus infinitesimais dentro dessa hierarquia do ser. Não há lacunas na hierarquia. Todas as distinções concebíveis estão representadas nessa cadeia completa do ser.

Assim, Leibniz fala de um princípio de continuidade ou plenitude. Continuidade, sim, não há lacunas, nenhuma descontinuidade na cadeia do ser. Plenitude, sim, está preenchida; não há lugares vazios.

Princípio da plenitude. E, claro, essa é simplesmente a concepção da hierarquia do ser que os escolásticos tinham. Que toda a criação, tudo em seu lugar, entende, em conjunto, compreende a plenitude das coisas que encontram sua existência em relação a Deus.

Existe, portanto, um princípio de razão suficiente. Há uma razão para tudo o que existe em toda a hierarquia. E para cada evento que ocorre em toda a hierarquia.

Razão suficiente. E este é um todo tão interligado e coreografado que o princípio da perfeição, este tipo de ser, é bom. Ora, essencialmente, esses três princípios poderiam ter sido usados para descrever a hierarquia do ser em Tomás de Aquino.

Ele essencialmente concordaria. Como mencionei da última vez, o que Leibniz está fazendo é tentar ressuscitar a concepção escolástica do ser, a metafísica escolástica, mais próxima, como veremos, de Escoto do que de Tomás de Aquino. E atribuir a ela o tipo de bondade que, como nos medievais, manifesta a perfeição de Deus.

Sua criação. Manifestando sua bondade. Então você tem essa herança.

E o que ele terá que fazer é encontrar um lugar dentro desse arranjo, dentro dessa compreensão geral da ciência mecanicista. Essa é a natureza da realidade última, entende? E uma de suas manifestações é o tipo de função mecanicista da qual ele está falando.

Mas não podemos realmente chegar a essa conclusão sem antes discutirmos a distinção entre mente e corpo. E como os corpos se comportam e o que os constitui.

Está no funcionamento dos corpos, que são compostos de muitos e muitos momentos.

Os corpos são compostos. É no funcionamento dos corpos como substâncias compostas que ocorrem as operações mecânicas e os efeitos resultantes. Portanto, essas mônadas são unidades de força indestrutíveis.

Cada um difere em grau de todos os outros, portanto cada um possui sua própria natureza individual, sua própria essência individual. Lembre-se de como os medievais se esforçaram para explicar, em sua teoria das formas, como indivíduos calmos diferem uns dos outros da maneira como o fazem. Até que Dom Escoto introduziu o conceito de hiqueotas.

Ou seja, além da forma da espécie e da matéria sinete que se compõe da forma da espécie, existe também um princípio de individualidade, de essência, hykaeotas. Portanto, Deus cria indivíduos com suas próprias naturezas. Ora, foi isso que Scotus disse.

E é isso que Leibniz está absorvendo de Scotus. De modo que essas essências individuais são como, veja bem, o princípio de hykaeotas em Scotus. Mas as essências individuais são obviamente semelhantes, pois possuem atributos em comum.

O que os escolásticos chamavam de atributos transcendentais de todo o ser . E eles falavam desses atributos transcendentais, você se lembra, como unidade, bondade, beleza, verdade, entende? Bem, o que Leibniz está fazendo é o equivalente, falando de apercepção e apetitão.

Apercepção e apetitão. Ou seja, cada uma tem sua própria natureza e, portanto, conhece seu lugar dentro do todo. Conhece, entre aspas, dependendo do grau de consciência.

Apercepção, aliás. E appetite? Sim, em seu funcionamento. É agir, agir de acordo com, atualizar a potência, o potencial de sua própria essência.

Seus próprios recursos internos, sua própria natureza. Assim, ele entende que essas mônadas individuais não possuem janelas. Uma metáfora interessante que ele usa.

Veja bem, em um quarto sem janelas, não há contato com o exterior. Nenhuma relação de causa e efeito com nada externo. Tudo dentro do quarto está, por assim dizer, hermeticamente fechado.

É autossuficiente, autooperante, em virtude dos recursos armazenados dentro da sala. Assim, essas mônadas são, por assim dizer , programadas em sua própria

natureza. Portanto, o conhecimento, que ocorre em virtude da apercepção, é totalmente inato, ideias inatas que chegam à nossa consciência.

Se quiser, posso me lembrar disso. Porque as mônadas não têm janelas. Não há estímulos externos que afetem a mente.

E não apenas o conhecimento inerente a isso é inato, mas também os desejos, a aspiração, não são uma resposta a estímulos externos, mas simplesmente a expressão da potência interior, da necessidade interior, da direção interior na qual a mônada espiritual está inserida. E o mesmo se aplica a todas as mônadas. Portanto, dizer que elas são "sem janelas" significa que não há conexões causais entre as mônadas, seja em relação ao pensamento ou em relação à atividade manifesta.

Não há relações causais. Mas então você precisa ir um passo além e perguntar: bem, então, como eles existem? Qual é a fonte de energia deles? E às vezes Leibniz usa o termo criação e diz que Deus os cria. Mas em outros trechos, ele tenta ser mais descritivo e usa o termo fulguração.

Ele diz que eles estão sendo continuamente fulgurados por Deus. Ora, aposto que você nunca se deparou com o termo fulguração antes. Nem eu, quando li Leibniz pela primeira vez.

Mas o meu dicionário Webster daquela época, e presumo que ainda diga, afirma que fulguração tem a ver com a geração de energia. É usada, por exemplo, quando você risca um fósforo e ele pega fogo. Você está liberando o calor, a luz, entende?

Portanto, a ideia é que a energia, esse grau específico de força, é constantemente gerada e infundida por Deus. Deus é a fonte de poder, que dá existência. Mas, ao dar existência às mônadas, Ele lhes confere o grau de força que lhes dá sua existência individual dessa natureza.

Assim, em vez da concepção de criação, que se tornava evidente nos primórdios do deísmo, a visão de que Deus criou e então as coisas se tornam autoexistentes e autooperantes, Deus está continuamente conferindo existência. Se quiser, isso é o que os medievais diziam, Tomás de Aquino. É por isso que, quando Aquino argumenta a partir da ordem de causa e efeito no cosmos, para a primeira causa, ele não quer dizer simplesmente, na verdade, ele não quer dizer especificamente nessa demonstração, a primeira em toda a série de causas.

Mas sim uma metacausa que continuamente fortalece toda a série causal, seja qual for o estágio em que ela se encontre. Portanto, Deus não apenas inicia a existência, mas também a sustenta, continuando a transmiti-la.

E Leibniz está simplesmente reiterando isso dentro do esquema conceitual que está desenvolvendo. Fulguração por Deus. Alguém perguntou desde a última vez: não seria isso, como Stumpf parece interpretar, que as mônadas são, por assim dizer, a própria essência de Deus? Seria isso outro tipo de panteísmo espinozista? E eu diria que não .

Não. Porque ele não afirma que sejam eternas. Ele afirma que sua força, sua energia, sua existência são dadas por Deus.

Sim, continuamente. Mas não que Deus seja a totalidade deles. Não é um panteísmo .

Portanto, trata-se de sua tentativa de explicar a concepção judaico-cristã tradicional da criação. Ora, embora cada uma dessas mônadas seja desprovida de janelas e não possua conexões causais, sua existência é sustentada por Deus. Sua natureza é o que é continuamente por causa de Deus.

Mas, tendo essa natureza individual conhecendo seu lugar no todo, Leibniz consegue dizer que cada um, em virtude de sua própria essência, espelha o todo. Cada um é, por assim dizer, um microcosmo do todo. Entende ? Então, se você compreender sua própria natureza individual em termos desses atributos de apercepção e apetite, terá nisso um vislumbre de como é o todo em termos de apetite e apercepção.

Entende ? Então, essa metáfora de cada um conhecer seu lugar, ele interpreta de forma bastante literal. A natureza da coisa é tal, a natureza da mônada individual é tal, que sua própria natureza espelha o que ela precisa ser para preencher esse espaço específico no todo. Como se fosse uma peça distinta e única em um quebra-cabeça que não se encaixaria em nenhum outro lugar.

E assim, por sua própria natureza, há implicações para tudo o mais. Portanto, cada um reflete o todo. Agora, deixe-me fazer uma pausa aqui e ver se você está assimilando.

Você entendeu o que ele está dizendo, Ruth? Quando você diz que não há conexão causal entre mônadas, isso é como na teoria de Spinoza, de que tudo vem da relação vertical e não há interação através da extensão do pensamento? Sim, sim. Com essa exceção que vimos da última vez, que é onde Spinoza tem uma teoria de duplo aspecto, de modo que pensamento e extensão são dois lados da mesma coisa, Leibniz tem entidades diferentes, de modo que aquilo que pensa é uma mônada espiritual, aquilo que é estendido é um composto de mônadas nuas, talvez com uma mônada da alma, mas são coisas diferentes. Então falamos de Leibniz como um paralelismo, nunca se encontrando, o que você não pode dizer de Spinoza, já que são realmente dois lados de uma mesma coisa.

Mas, fora isso, além do esquema conceitual, a noção de que não há interação causal é semelhante. John? Não? Estou um pouco confuso com a conclusão final de que cada uma espelha o todo. Estou tentando voltar às suas visões dois e três.

Parece que, dado o conceito de "isto" e de algo sem janelas, como eu poderia ter a percepção de que espelharia o todo ou que qualquer outra coisa o faria? Veja bem, e aí eu acho que você provavelmente está explorando uma concepção de "isto", de individualidade, que sugere que cada indivíduo é absolutamente único. Ora, essa concepção moderna é simplesmente falsa. É falsa para Leibniz, e eu acho que é falsa de qualquer forma.

Usamos o termo "único" de forma tão leviana. Sabe, dizem que todos os flocos de neve são únicos. Bem, nós queremos dizer que a singularidade significa que algo tem valor ilimitado por ser único.

Mas, sabe, nem todo floco de neve tem valor ilimitado; não é a singularidade que confere valor às coisas. De qualquer forma, para Leibniz, o termo "único" enfatizaria qualquer ausência de semelhança significativa. Veja bem, imagine que você tem um gêmeo idêntico.

Agora, vocês não são completamente idênticos. Leibniz fala sobre a identidade dos indiscerníveis. Se você tem duas coisas completamente indiscerníveis, uma da outra, então você não tem duas coisas, você tem uma só.

A identidade do indiscernível. Mas um indivíduo é diferente de outro, como um gêmeo idêntico, de uma maneira infinitesimal. E como as diferenças são infinitesimais, entende-se que se tem uma compreensão imediata daqueles que são semelhantes a nós em certos aspectos.

Agora, quanto mais você se aprofunda, é verdade que não há aproximações imediatas. Mas ainda existe alguma analogia. Então, na hierarquia do ser, se você estivesse aqui, opa, eu o coloquei como um espírito de nível inferior.

Essa não era minha intenção. Mas, por estar lá, você acaba desenvolvendo uma certa afinidade com os animais. Você se pega simpatizando com os cachorros, especialmente com o seu próprio cachorro de estimação, aquele que você ama.

E algumas pessoas escrevem artigos e livros sobre direitos dos animais. Direitos dos animais. Interessante como essa analogia pode nos levar longe.

Entende? Da mesma forma, por meio dos seres espirituais, os humanos têm alguma compreensão de como Deus deve ser quando pensamos em Deus como uma pessoa à cuja imagem fomos feitos. Então, simplesmente por analogia, você pode dizer que

eu reflito em minha natureza algo da natureza dos animais, de Deus, dos seres vivos em geral, das coisas físicas, entende?

E acrescenta-se a isso a noção de que, como nada mais pode preencher a lacuna no quadro geral que estou preenchendo, veja bem, em virtude do princípio da plenitude, como nada mais pode preencher essa lacuna, então existe em minha natureza um eco da totalidade do ser. Portanto, a ideia de ausência de janelas é simplesmente causal. Então, no que diz respeito à percepção, à linguagem e a todas essas coisas, você pode inter-relacioná-las por analogia? Não, espere um minuto.

Percepção, se você se refere à percepção sensorial, onde recebemos estímulos externos. Não, se você se refere à concepção, e aliás, notei que essas palavras estão aparecendo misturadas nos esboços. Descartes, assim como Hobbes.

O termo percepção geralmente se refere à percepção sensorial. Percepção sensorial. Seja ela sensorial interna ou externa.

Percepção sensorial. Ou seja, consciência de detalhes e de qualidades particulares . Certo.

O termo "concepção" é usado para se referir a conceitos, conceitos gerais. Talvez ideias abstratas, entende? Portanto, mantenha os dois termos distintos.

Aliás, o termo sensação tem um significado diferente. Sensação é usado para se referir aos sentidos específicos e ao que eles nos proporcionam. Uma sensação de luz.

Uma sensação de calor. Uma sensação de amargor. Uma sensação de... cheiro de menta.

Tenho que dizer que no Natal prefiro o sabor de menta ao de rosa. Então, temos sensações específicas que são os ingredientes para a nossa percepção de determinadas coisas . Entende?

Ambos são distintos de conceitos em um sentido mais geral ou abstrato. Portanto, sim, temos, segundo Leibniz, conceitos que são inatos. Inatos no sentido de que emergem de nossa atividade mental.

Percepções. Mas elas também emergem da nossa atividade mental. Temos sensações, sentimentos.

Mas elas também emergem da atividade mental interna. E, surpreendentemente, correlacionam-se com o que está acontecendo em outros lugares. Esse é o paralelo.

Veja bem. Enquanto Descartes diria que você tem uma sensação específica devido a algum estímulo nos órgãos dos sentidos, que é transmitido através do cérebro e dos fluidos corporais para produzir uma mudança no estado de consciência, ele tinha uma teoria de causa e efeito da percepção sensorial.

Entende? Mas Leibniz não pensa assim. Não existem processos de causa e efeito que produzam sensações ou percepções.

Ou seja, em termos de causas externas. A sincronização da ideia com o que está acontecendo, essa sincronização é obra de Deus neste sistema perfeitamente harmonizado. Outra expressão que ele usa é que todo o sistema opera como uma harmonia preestabelecida.

Uma harmonia pré-estabelecida. É isso que o guia, e veremos isso na próxima vez, quando abordarmos o problema do mal. É isso que o leva a dizer que este é o melhor dos mundos possíveis.

O melhor dos mundos possíveis. Sim, é isso que individualiza . Distingue os indivíduos.

Isso resume o que você está absorvendo da leitura? Reli tudo o que Leibniz escreveu esta manhã, e me parece que tanto a monadologia quanto, principalmente, os princípios da natureza e da graça são realmente muito claros. É preciso lê-los com atenção. Mas eles são bastante explícitos e claros nesses aspectos.

Agora, independentemente do que mais façamos em relação a Leibniz, precisamos entender bem essa monadologia. Ora, não é esse o caso com todas essas figuras? Se quisermos saber por que elas pensam como pensam sobre epistemologia, ética, Deus e o problema do mal, precisamos chegar ao esquema metafísico subjacente. As premissas metafísicas são fundamentais para tudo.

Na verdade, você pode considerar isso uma regra geral para qualquer assunto em discussão, não apenas para tópicos filosóficos. Mas se estiver discutindo a candidatura de Buchanan à presidência, sim, e por que seus valores específicos de "América Primeiro" se baseiam nisso, comece a se perguntar quais são as suposições metafísicas subjacentes. Bem, como chegar a essa conclusão? Certos tipos de valores têm certas suposições sobre a natureza da realidade que ele considera como valor.

Mas sempre voltemos a essas premissas. Bem, vimos isso desde Platão, eu diria. Que todas as várias peças da filosofia de Platão se unem quando se estabelece essa linha divisória clara com a distinção entre formas e particulares.

Você se lembra do diagrama que desenhamos? Aquele era o centro da roda, a linha divisória, a partir da qual, ao longo dos raios, você pode chegar a assuntos como

arte, educação, ética, história e assim por diante. O mesmo acontece com pessoas como Leibniz. Ok, agora, vamos passar para o número seis.

Mente e corpo. Ahá. Afinal, essa é uma das principais questões que divide esses três sistemas metafísicos continentais do século XVII.

Descartes, os alinhamentos de Spinoza. O problema mente-corpo. Bem, eu já indiquei alguns dos conceitos básicos envolvidos nisso.

Uma delas é que as mônadas são causalmente desconectadas, umas das outras. Ok, elas não têm janelas. Causalmente desconectadas.

Outra possibilidade é que os corpos, os corpos físicos, os corpos materiais, sejam compostos de mônadas. E se for um ser vivo, então existe uma mônada unificadora. A mônada da alma.

E repare que ele está usando "alma" num sentido muito semelhante ao dos gregos, onde a alma é a fonte da vida. É o que dá vida.

Está relacionado à forma. O que confere uma natureza particular a algo? Está relacionado à entelequia, à função específica da coisa.

Então, o corpo de um animal é unificado por uma alma viva. Entendeu? Uma alma viva. O que faz daquele pedaço de matéria um animal vivo, o que de outra forma não seria.

Com funções vitais apropriadas que envolvem graus de apetite e apercepção. Agora, se estivermos falando de corpos, então existem relações de causa e efeito entre os corpos. Entre esses componentes.

Porque quando se tem miríades de mônadas, e ele diz milhões, quando se tem miríades de mônadas organizadas e unificadas, elas começam a adquirir extensão espacial. Ora, as mônadas em si não têm extensão espacial. Para começar, elas não são substantivas em nenhum sentido concreto.

São infinitesimais. Não ocupam espaço. Portanto, não possuem tamanho, forma, densidade ou outras características de ocupação espacial.

Aquilo que aprendemos a chamar de qualidades primárias. Eles não as possuem. Mas os corpos, que são compostos, ocupam espaço.

Eles possuem qualidades primárias. E agora você pode começar a perceber como ele vai abrir espaço para a ciência mecanicista. É a ciência das relações entre os corpos.

Isso não nos diz nada sobre mônadas. Como ele explica que uma mônada, que não tem espaço, ou não ocupa espaço, somada a outra mônada, que também não tem espaço, não faz nenhum sentido lógico? Cortesia dos paradoxos de Zenão. Você se lembra dos paradoxos do peso de Zenão, por exemplo? Se um grão de painço não pesa nada, e você tem em um saco 100.000 grãos de painço, cada um pesando nada, como é que faz um baque surdo? A única pista que vejo em Leibniz está no uso do termo infinitesimal.

Por infinitesimal, ele não quer dizer que não tem tamanho. Quer dizer que tem Sem tamanho mensurável. Infinitamente pequeno.

Então, quando você chega a um número muito grande, começa a considerar o tamanho. Não vejo outra explicação nele. Seria algo como uma ideia atomística? Não, veja bem, se átomo significa uma pequena partícula de matéria, não, não é atomístico.

E ele rejeita o termo átomo precisamente por essa razão. Os átomos de Demócrito eram pequenos grânulos sólidos. Uma mônada não é um pequeno grânulo sólido.

Agora, se por outro lado você quer dizer se isso é atomístico, como nossa concepção mais contemporânea de átomos, compostos de partículas subatômicas, cujas partículas podem ser apenas funções da energia, então é preciso desenvolver uma física energística, na qual a matéria é derivada da energia, e não o contrário. Certo. Bem, acho que o problema de Christen é como a matéria é derivada da energia nesse estágio de compreensão.

E, na verdade, ele não tem uma boa explicação além do que eu sugiro sobre o termo infinitesimal. Então você teria que dizer: "Bem, espere até entendermos a física energética". Certo.

Portanto, existem relações causais entre os corpos, mas não entre as mônadas. Ora, a mônada da alma, ou no caso dos humanos, a mônada do espírito, é o princípio unificador e organizador, bem como o princípio vital, gerador de pensamentos e orientador do todo. Caso contrário, não haveria um todo ordenado.

É como se a alma fizesse pelo corpo o que Deus faz pelo universo, independentemente dos ordenadores das coisas. E ele afirma explicitamente que as coisas que Deus faz nesse sentido, nós fazemos em grau muito menor, em uma escala muito mais reduzida. Criamos coisas muito menores do que aquilo que Deus criou.

Mas nós criamos coisas unificadas, individuais e organizadas de natureza corporal. Agora, deixe-me destacar alguns pontos sobre isso. Se você consultar a monadologia, vejamos, as páginas 212 e 213.

212, 213. Em primeiro lugar , parágrafo 74. Os filósofos têm estado, têm estado muito intrigados com a origem das formas ou das almas.

Mas hoje, sabemos, através da análise de plantas, insetos e animais, que os corpos orgânicos da natureza não são produtos do caos ou da putrefação, da geração espontânea, mas sempre provêm de sementes, nas quais houve alguma pré-formação. Entende? Acredita-se que não apenas o corpo orgânico já existia antes da concepção, mas também a alma nesse corpo. Em suma, o próprio animal vivo.

E que, por meio da concepção, esse animal foi simplesmente preparado para uma grande transformação, tornando-se um animal de outra espécie. Algo semelhante ocorre fora do nascimento, como quando minhocas, lagartas, se transformam em moscas e lagartas em borboletas. A transformação em um tipo diferente de ser.

O que ele está abordando aqui, e ele nomeia isso mais tarde , é o animalismo da época. A visão de que a prole em miniatura , corpo e alma, está contida na semente do pai. Completo.

Então, nesse sentido, a mônada da alma é um desdobramento da mônada da alma do pai, que era o desdobramento. Certo? E vocês se lembram que mencionamos isso quando estávamos falando sobre os estoicos, porque essa era a base da teoria traduciana estoica da transmissão da alma e da origem da alma individual. Agora, aqui está Leibniz, adotando esse tipo de animalismo.

Dot, este é o seu campo de atuação. Você pode nos dizer se houve uma renovação desse tipo de abordagem, não é mesmo, neste momento histórico? Pode nos dar uma visão geral? Certo.

Pequenos animálculos. Pronto. Sim, isso faz parte da visão filosófica conhecida como vitalismo, que considera a vida como algo distinto de coisas meramente físicas e químicas.

Certo, e o vitalismo continuou a florescer, de fato, até meados do século XX. Foi concomitante ao desenvolvimento do microscópio, que abriu esse novo mundo de descobertas sobre a vida. Ótimo.

Em outras palavras, os espinodes como lentes. Essa é, portanto, a visão dele sobre a origem das almas, incluindo as almas humanas, os espíritos. Assim, o espermatozoide contém a alma.

E o corpo. Proporciona um lugar quente e agradável para ele crescer. Agora, repita isso.

O traducianismo apenas tem a semente que irá desenvolver, ou será que...? Não, estou identificando essas duas visões de forma geral. Em biologia, falando sobre genética, o termo usado para essa visão é animalismo .

Em teologia, quando se fala da transmissão ou da origem da alma individual, usa-se o termo traducianismo, a visão de que ela é transmitida. Mas o traducianismo, introduzido no pensamento cristão por Tertuliano, foi na verdade uma adoção da visão estoica, que era uma espécie de animalismo. E Leibniz parece apontar na mesma direção.

Certo. E, obviamente, o desenvolvimento da genética moderna muda o cenário significativamente. O vitalismo biológico é uma raridade hoje em dia.

Na década de 1940, era bastante popular em alguns círculos, particularmente na França. Cinquenta anos fazem muita diferença. Certo.

Parágrafo 75. Isto surge novamente. Os animais, alguns dos quais são criados desde a concepção até à fase de animais maiores, podem ser chamados espermáticos.

Entre eles, os que permanecem em sua classe, ou seja, a maioria, nascem, multiplicam-se e são destruídos como grandes animais. Apenas um pequeno número de escolhidos passa para um palco maior, e assim por diante. Isso é apenas metade da verdade.

Portanto, defendi que, se o animal nunca começa por meios naturais, também não termina por meios naturais, então não só não haverá nascimento, como também não haverá destruição ou morte total, em sentido estrito, e assim por diante. Vejamos. Depois, no parágrafo 80, ele começa a criticar Descartes e a notar a diferença.

Descartes reconhece que as almas não podem transmitir força aos corpos, pois a quantidade de força na matéria é sempre a mesma. Mesmo assim, ele acreditava que a alma podia alterar a direção dos corpos, apenas por meio de uma causa externa.

Isso porque, na época dele, a lei da natureza, que afirma a conservação da mesma direção total na matéria, não era conhecida. Se ele soubesse disso, teria chegado ao meu sistema de harmonia preestabelecida em vez de interação causal. Sim.

Segundo esse sistema, os corpos agem como se, o que é impossível, não existissem almas, e as almas agissem como se não existissem corpos, e ambas agissem como se cada uma influenciasse a outra. Coitado do velho Descartes. Quanto aos espíritos ou almas racionais, embora eu constate que o que afirmei, ou seja, que eles começam e terminam apenas com o mundo, seja válido em essência para todos os seres vivos e animais, há uma peculiaridade nos animais racionais: eles são animálculos

espermáticos, como o pássaro, e enquanto permanecerem assim, terão apenas almas comuns ou sensitivas.

Certo, esse baixo grau de percepção. Mas assim que aqueles que são, por assim dizer, eleitos, sim, ele é um calvinista protestante, aqueles que são eleitos atingem, pela concepção real, a natureza humana, Deus faz a seleção, suas almas sensíveis são elevadas ao nível da razão e à prerrogativa dos espíritos. Entre outras diferenças que existem entre almas comuns e mentes ou espíritos, está também esta.

As almas, em geral, são espelhos vivos ou imagens do universo das criaturas. Sua natureza é o espelho. Mas as mentes ou espíritos, além disso, são imagens da própria divindade .

Somos feitos à imagem de Deus. Capazes de conhecer o sistema do universo e imitar algo dele por meio de exemplos arquitetônicos, sendo cada mente como uma pequena divindade em seu próprio departamento. Os espíritos são, portanto, capazes de entrar em uma espécie de sociedade com Deus, de modo que Ele seja um pai para seus filhos.

E assim surge a ideia da cidade de Deus, uma monarquia universal, um mundo moral dentro do mundo natural, a mais divina das obras de Deus, e assim por diante. Portanto, o papel da mente ou do espírito fica bastante evidente . Agora, mais uma, ou melhor, duas coisas.

E quanto à epistemologia? Isso faz parte da questão mente-corpo. E eu já disse que, com mônadas sem janelas , as percepções conscientes surgem de dentro, e não de fora. Sim, e ele deixa bem claro que as mônadas da alma, no máximo, podem ter percepção sensorial e memórias persistentes.

Os animais podem ter percepção sensorial e memórias persistentes, portanto, reconhecimento e comportamentos condicionados, e assim por diante. Mas quando se trata de mônadas espirituais, aí sim, encontramos algo mais. Aí, encontramos o raciocínio.

E o que ele faz é distinguir dois tipos de raciocínio que temos. Existem, em primeiro lugar , verdades factuais que podemos conhecer, e existem verdades racionais que podemos conhecer. As verdades factuais são contingentes.

Ou seja, elas dizem respeito ao que acontece sucessivamente, e nossa consciência delas depende, portanto, desses eventos sucessivos dos quais temos essa consciência interna. Assim, as verdades de fato são contingentes, enquanto as verdades da razão são verdades logicamente necessárias. Verdades logicamente necessárias que têm a forma lógica das leis do pensamento, que A é igual a A, A é igual a não-A.

Ora, as verdades factuais dependem da lei da razão suficiente, enquanto as verdades racionais dependem da lei da não contradição. Certo, essa distinção. A distinção entre verdades factuais e verdades racionais é, creio eu, bastante clara .

Fazemos algumas afirmações factuais. Leibniz era um alemão que escrevia em francês e latim. O alemão não era então uma língua literária, mas sim uma língua acadêmica. As verdades factuais, como se vê, dependem da ocorrência de certos eventos históricos.

Verdades da razão? Bem, qualquer coisa, por exemplo, da natureza de uma definição que simplesmente desvenda o que já está logicamente contido no conceito. Como Descartes, os três ângulos de um triângulo somam dois ângulos retos. Não se pode ter uma montanha sem um vale, porque estes são logicamente necessários, dados os conceitos, não a percepção da existência das coisas, mas o conceito, o conceito geral de um triângulo ou de uma montanha.

Portanto, existe uma distinção entre verdades factuais, nada de novo nisso. Nada de novo em dizer que uma é contingente e a outra necessária. Nada de novo em dizer que uma depende da lei da razão suficiente e a outra da lei da não contradição.

Veja bem, Aristóteles poderia ter dito o mesmo. O que é distintivo é que ambos os tipos de verdades são inatos, na medida em que estamos lidando com momentos sem janela. Ora, até mesmo Descartes parece admitir que as percepções sensoriais são fisicamente causadas em virtude de estímulos sensoriais e da interação causal mente-corpo.

Mas não Leibniz. Até mesmo as percepções sensoriais são inatas. Até mesmo as percepções sensoriais dos animais são inatas.

A harmonia preestabelecida funciona dessa maneira. Agora, o que isso nos diz sobre a liberdade, a liberdade humana, a vontade e o intelecto? Esse conjunto de questões. Bem, aqui é preciso ter muito cuidado, porque as discussões sobre liberdade, vontade e intelecto que ocorreram em Descartes, Hobbes e Spinoza foram discussões inteiramente no contexto da noção de causalidade eficiente e material.

Exatamente isso. Por outro lado, Leibniz nos diz que as mônadas são simultaneamente causa material, causa eficiente, causa formal e causa final. Ele retoma as quatro causas aristotélicas.

Então, ele terá uma concepção da vontade não em termos de causalidade eficiente causada ou não causada, determinismo ou indeterminismo, de modo que ela se pareça, como em Descartes, diz ele, como se um livre-arbítrio escolhesse em um

vácuo causal simplesmente à luz do quanto ele sabe. Não. O livre-arbítrio é, antes, uma questão de apercepção e apetitão.

Ou seja, existe uma direção interna, um impulso interno, uma causalidade final, e é preciso definir o que é ser livre, não apenas em termos de causalidade eficiente, mas também em termos de causalidade final. Não há vácuo de causas finais e formais nessa monadologia. E creio que ele esteja certo, pelo menos nisso, ao afirmar que grande parte da discussão contemporânea sobre liberdade e determinismo se baseia na noção de que o livre-arbítrio é aquele em que não há causas eficientes que determinem o resultado.

Ou seja, equiparar liberdade com indeterminismo. Ele não aceitará isso. Acho que ele está certo ao afirmar que, se somos seres com propósito, se existe uma teleologia que permeia o comportamento e a existência humana, então precisamos de uma concepção teleológica de liberdade.

Agora a questão é se a sua concepção teleológica de liberdade será suficiente. Então, sintonizem, mesmo horário, mesma emissora. Vamos retomar esse assunto e depois abordar o problema do mal.